# Cresce resistência ao 'domínio alemão' na UE

**Joshua Chaffin**
Financial Times, de Bruxelas

A percepção de que a Alemanha domina cada vez mais a União Europeia (UE) está ganhando força no bloco e provocando uma reação nos países do sul da Europa, atingidos pela crise. A conclusão é de uma nova pesquisa encomendada pelo "Financial Times" à Harris.

Os resultados revelam objeções firmes na Espanha e na Itália às políticas de austeridade fiscal inspiradas pela Alemanha para conter a crise do euro. Também mostram que a maioria dos cidadãos desses países — além de Reino Unido e França — acredita que uma maior influência da Alemanha nos rumos da União Europeia seria prejudicial a eles.

Em uma das constatações mais surpreendentes da pesquisa, 88% dos espanhóis e 82% dos italianos disseram que a influência da Alemanha sobre a UE acabou ficando forte demais. No fim de 2011 essas porcentagens eram de 67% e 53%, respectivamente. Mais da metade dos franceses (cerca de 56%) também concordam.

A pesquisa confirma duas mudanças na dinâmica da UE que se tornaram cada vez mais evidentes no desenrolar da crise do euro: a crescente assunção da Alemanha como membro proeminente da UE, em um racha crescente entre as economias com problemas do sul da Europa e as do norte, que estão mais saudáveis e vêm subscrevendo os planos de ajuda financeira.

As constatações aparecem antes da reunião de cúpula da UE em Bruxelas nesta semana, em que os chefes de governo tentarão chegar a um acordo sobre planos para forjar uma união bancária para resolver a crise.

Mais de três quartos dos espanhóis acreditam que uma UE cada vez mais influenciada pela Alemanha seria ruim para a Espanha, enquanto 70% dos italianos e britânicos demonstraram preocupações parecidas.

A pesquisa mostrou que 73% dos espanhóis e 56% dos italianos acreditam que a Alemanha está errada ao conclamar por medidas mais duras de austeridade para eles, num momento de crescimento econômico fraco.

Entretanto, Berlim parece estar ganhando mais simpatia por sua insistência de que maior competitividade é a principal resposta às dificuldades econômicas de alguns países do bloco, com cerca de 38% dos espanhóis concordando com esse argumento e um número parecido, discordando. Na Itália, 41% das pessoas que participaram da pesquisa concordaram com o argumento, enquanto que na França o número foi de 44%.

A premiê alemã, Angela Merkel, saiu-se melhor que seus colegas na maneira como vem conduzindo a crise econômica. Cerca de dois em cada cinco alemães acham que ela está fazendo um bom trabalho. Por outro lado, somente 13% dos franceses e britânicos deram ao presidente François Hollande e ao primeiro-ministro David Cameron o mesmo nível de aprovação. Quase três quartos dos espanhóis disseram que o primeiro-ministro Mariano Rajoy não está se saindo bem.

A pesquisa revelou uma grande resistência nos países consultados a uma das principais mudanças de política surgidas com a crise: um esforço para conceder a Bruxelas mais autoridade para policiar os orçamentos nacionais.

Dois terços dos britânicos disseram que seu país não deveria transferir mais poder sobre seu orçamento para a UE, enquanto que na França 58% se manifestaram contra isso e na Alemanha, 69%.

FT

# Confiança de empresários alemães sobe

Associated Press

A confiança do setor de negócios na Alemanha avançou ligeiramente em junho, sugerindo que a maior economia da zona do euro segue no caminho para voltar a um crescimento mais sólido.

O índice que mede o sentimento da indústria e do comércio ficou em 105,9 neste mês, ante os 105,7 de maio, apontou o instituto Ifo.

"Embora a avaliação das condições atuais de negócios tenha sido menos positiva, as empresas estão mais otimistas com relação às suas perspectivas", comentou o chefe do Departamento de Pesquisas e Análises de Ciclo de Negócios do Ifo, Kai Carstensen.

Economistas monitoram a economia alemã porque tem sido a principal fonte de crescimento no euro. Outros países no bloco, como Grécia, Portugal, Espanha e Itália, estão lutando contra o alto endividamento e recessões.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 25 jun. 2013, Primeiro Caderno, p. A13.